



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Entrevista Prof. Dr. Lauro Frederico Barbosa da Silveira

Marcos Antonio Alves

Como citar: ALVES, M. A. Entrevista Prof. Dr. Lauro Frederico Barbosa da Silveira. *In:* ALVES, M. A. (org.). **Cognição, emoções e ação**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 23-36.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2019.978-85-7249-019-1.p23-36>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

ENTREVISTA PROF. DR. LAURO FREDERICO BARBOSA DA SILVEIRA

Marcos Antonio Alves

Apoio: Alan Rafael Valente e Soane Penha Paz Landim

Era uma tarde ensolarada de outono do dia 12 de maio de 2017. Lauro nos encontra sorridente e descontraído, como de hábito, em uma das salas de aula da Unesp, no campus de Marília, para uma conversa. Pastinha sobre o braço, o mestre junta-se a nós com passos lentos, acolhendo-nos com muita simpatia e alegria.

Em um bate papo deveras espontâneo e produtivo, característico do ilustre mestre, tratamos de diversos assuntos. Passamos por temas como a sua origem, formação acadêmica e profissional, o papel da semiótica, do filósofo e da filosofia no mundo, a inseparabilidade entre teoria e prática, o cenário político brasileiro, o papel da informação e dos meios de comunicação na formação de hábitos, da ação autônoma, a função das emoções na produção de teorias...

Uma das referências do curso de Filosofia da Unesp, o professor Lauro transita com facilidade tanto pela filosofia, especialmente pela semiótica, quanto por outras áreas como a medicina, psicanálise, educação. Dentre as muitas obras que publicou, destacamos, dois livros recentes: “Curso de Semiótica Geral” e “Incursões Semióticas”, este último, uma coletânea de trabalhos assinados por ele. Também ressaltamos o artigo “A concepção de emoções segundo Peirce”, estritamente relacionado ao conteúdo deste livro.

Esta entrevista, constituinte das atividades do projeto de extensão universitária “A filosofia da mente vai à escola”, também pode ser assistida na íntegra no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=_cI88Rlpa2g&t=38s>.

<https://doi.org/10.36311/2019.978-85-7249-019-1.p23-36>

Sentimo-nos afortunados pela oportunidade de conversar com tal digníssimo docente e pesquisador. Desejamos que o leitor tenha a mesma satisfação.

Querido professor Lauro. Dado o caráter variado do conteúdo desta entrevista, a primeira questão que atija nossa curiosidade refere-se à sua história de vida.

Eu nasci em setembro de 1937, na capital paulista. Naquela época, São Paulo era bem mais simples do que atualmente. Eu tomava bonde para ir à escola, meu pai pegava bonde para trabalhar.

O rio Tietê ainda era limpo; dava para nadar...

Nem diga. Eu ia com meu pai ao rio. De bonde, íamos até a porta bandeira, descíamos para ficar vendo as regatas do Tietê e do Clube Espéria. O rio era bem limpo. Não tinha as marginais, então também não havia inundação, pois o terreno varzeano, quando necessário, alagava e depois voltava ao normal. Tampouco havia edificações à margem.

O senhor começa a lembrar da cidade a partir de quando?

Mais ou menos por 1943. Era um momento difícil. Com a iminência da Segunda Guerra Mundial, a gente tinha medo de São Paulo ser bombardeada; todo mundo deixava as janelas fechadas. Isso marcou minha infância. Lembro quando acabou a guerra. Eu estava voltando da escola de bonde, para casa. Meu pai ouvia o rádio. Disseram-nos que os Estados Unidos haviam lançado bombas atômicas no Japão. Eu me lembro até hoje do meu pai falando, tentando explicar direito o que tinha acontecido. Havia carência de tudo: não tinha combustível, não tinha emprego, a comida era escassa. Tínhamos medo, inclusive, dos pais serem convocados para a guerra.

Tempos sombrios! E a instrução educacional?

Eu realizei meus estudos, praticamente todos, em escola pública. Estudei na Caetano de Campos desde o pré-primário até o final do então ginásio, atual ensino fundamental. Depois fiz o colegial, na época, denominado científico,

no Colégio Estadual Presidente Roosevelt, igualmente no centro da cidade de São Paulo. Quando terminei, resolvi entrar para a ordem dominicana, onde cursei filosofia e teologia. Minha licença em teologia foi com um trabalho sobre a providência divina e o governo do mundo. Era uma temática interessante porque é exatamente essa tese que legitimou ideologicamente a divisão do governo do mundo entre Espanha e Portugal. O Tratado de Tordesilhas está ligado a certa leitura teológica de que o exercício do poder, do mundo, era conferido pelo Papa, decorrido da providência divina. Isso é muito interessante porque a carga político-ideológica é muito forte. Isso frequentemente se perde. A gente percebe muito bem como tal poder era entendido de uma maneira legítima naquela época. Atualmente, para nós, isso se torna algo bastante criticável. Depois de terminar o meu doutorado em teologia, entrei na Universidade de São Paulo e fiz filosofia novamente. Nesse tempo, lecionava de dia e estudava no período noturno. Obtive o título de licenciado e bacharel em filosofia. Defendi meu doutorado em filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 1974. A tese foi direcionada a uma temática que eu sempre me interessei: a interpretação figurativa da realidade. Utilizei como base um autor francês chamado Pierre Francastel. Depois, já casado, com três filhos, nos mudamos para a cidade Assis para lecionar no curso de filosofia lá existente. Viemos para o interior e ficamos por aqui. E por aqui desejamos ficar.

As oportunidades no interior eram boas?

Sim. Ao vir para o interior eu tive mais oportunidades. Participei de muitos congressos, escrevi e publiquei mais. Também fui me dedicando consistentemente aos meus cursos de semiótica como temática.

Depois de Assis, o senhor passou a residir em Marília...

Isso. Quando o curso de filosofia foi transferido para Marília, distante setenta quilômetros de Assis, com a criação da Unesp, nós mudamos junto. Na Unesp, ministrei aulas no curso de filosofia. Também colaborei com os médicos na Famema, a Faculdade de Medicina de Marília, no laboratório de hipótese diagnóstica. Fui convidado pelo grupo de psicanálise da cidade para realizar pesquisas e até hoje estudo regularmente com colegas nesta área.

Como foi o começo do curso de filosofia da Unesp em Marília?

O período de Assis para Marília foi uma época de fluxo muito grande: poucos discentes e muitos docentes migrando para outros lugares. Foi um tempo muito difícil para dar prosseguimento ao curso. O momento nacional também não favorecia o desenvolvimento da filosofia. Depois o curso foi se consolidando cada vez mais, vieram mais pessoas e hoje em dia está andando muito bem.

A sua iniciação na filosofia foi via...?

Foi ainda antes de eu começar Teologia. Eu fui convidado, aos 18 anos, para lecionar Filosofia Moderna no curso do Instituto de Filosofia do Dominicano de São Paulo. Então comecei a me preparar, por conta própria. Iniciei estudando Kant, “A Crítica da Razão Pura”. Aí eu comecei a trabalhar filosofia. Quando ingressei no curso de filosofia na Universidade de São Paulo, tive outras aulas, uma delas com Lívio Teixeira, com quem pesquisei Descartes e Kant. Depois dediquei-me à lógica formal. Quando eu fui me preparar para ela, adotei três livros. Fiz todos os exercícios por conta própria para me habituar com essa lógica, pois a da tradição do seminário era a Aristotélica. Foi aí que eu me embrenhei na Lógica Moderna e consegui fazer relativamente bem.

Qual a sua concepção de filosofia atualmente?

Na concepção por mim adotada da filosofia, a busca sincera e sistemática da verdade em âmbito conceitual não se pretende, nem pode pretender, constituir-se numa única e exclusiva abordagem. As relações íntimas entre a vibração com a admirabilidade dos fenômenos e a busca de alcançá-los como a um fim só se efetivará guardada a irrestrita liberdade de expressão. É o diálogo que permite a esta busca a obtenção de algum sucesso. A sinfonia entre estas múltiplas vozes parece-me ser a razão da legitimidade de tal empreendimento. A filosofia, como um questionar vivo sobre o real, e tendo como meta responder lúcida e conceitualmente sobre o que lhe parece melhor para a conduta, é constantemente instigada pela realidade com a qual se defronte. Suas respostas são contribuições oferecidas à sociedade. Cabe a esta decidir o seu curso. Apontar corajosamente falhas que deve-

riam ser sanadas, indicar possíveis caminhos para o melhor atendimento à paz e à justiça tem sido e deverá sempre ser uma tarefa à qual a filosofia não deve se furtar. Isto ela o fará consciente de seu caráter hipotético e eminentemente falível. Por esta razão, vale reiterar a convicção do caráter dialogante da filosofia, tanto entre as diversas propostas teóricas de natureza filosófica, quanto entre outros domínios do saber ou concepções de mundo. A atenção para apontar as formas muitas vezes sutis de manipulação das condutas em proveito de interesses alheios à sociedade, será, pois, uma exigência constante do questionar filosófico.

E como é que entraram Peirce e a semiótica na sua vida?

Pois é, começou entrando... O Décio Pignatari era professor da pós-graduação de Letras da PUC e oferecia seminários. Alguns colegas me convidaram para assisti-los. Quando eu comecei a averiguar o pensamento deles, percebi que ia ao encontro do que eu acreditava ser o pensamento adequado. Então comecei a me interessar pelo assunto. Ao mudar para Assis, solicitei a um colega, Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento, que estava no Canadá, para adquirir os *Collected Papers* lá. Ele enviou os oito volumes. Em Assis, eu tinha tempo para estudar. Em São Paulo, quando eu fazia meu doutorado, eu lecionava 31 horas de aula por semana, era uma maluquice. Quando mudei para Assis, os colegas daquela época ficaram muito preocupados porque muitos docentes haviam exonerado, restando dezoito horas de aula para cada docente ministrar. Quando eu vi dezoito, naquele contexto, até sorri de alegria. Então comecei a estudar Peirce sistematicamente. Não tinha nem computador na época. Preenchia folhas à mão, colava os textos nas paredes e ia estudando. Achei muito interessante porque envolvia também um lado de lógica que eu sempre gostei, inserido num campo da fenomenologia, da vivência, inclusive. Isso para mim foi muito bom. Fiquei muito satisfeito. Daí, consegui ir desenvolvendo, como ainda faço, meus estudos em Peirce. Fui entendendo que, como lógica da conduta em vista de fins, a semiótica, na concepção de Peirce, traz uma especial colaboração na elucidação do método científico de investigação. Mantém a concepção de que todo pensamento é dialogante e não arbitrário ou impositivo. Permite às diversas áreas do saber encontrar um domínio adequado de pesquisa, a explicitar a sua busca ética dos fins propostos diante da admirabilidade dos fenômenos que se apresentam à mente.

Há algum conceito especial do pensamento peirciano que o senhor gostaria de ressaltar?

O que me vem em primeiro lugar à mente é a noção de continuidade, no sentido de que jamais há um seccionamento do conhecimento. Desde nossos sentidos até nossas construções conceituais, todos percorrem uma elaboração interpretativa constantemente dessas próprias relações e vamos fazendo propostas, verificações, avançando em termos teóricos, inclusive, e de conduta de vida. Essas dimensões, em Peirce, não são seccionadas, o que penso ser algo muito importante.

Qual o papel da informação nesse processo de renovação de crenças e de hábitos?

A continuidade leva exatamente à concepção de informação defendida por Peirce. Informação para ele é ter uma verificação de fato de uma ideia possível. A informação é muito mais esse processo, diria quase dialético, ao menos, dialógico, entre as nossas hipóteses. O próprio nascimento de uma criança ou de um ser vivo é uma hipótese de vida que vai sendo testada na realidade nos mais diversos níveis, gerando hábitos e se informando sobre a realidade, consumindo o universo de significação. Entre o ser humano, percebemos isso muito claramente; mas não lhe é exclusivo. Quem convive com um animalzinho dentro de casa percebe também o quanto ele vai aprendendo, adquirindo hábitos, interagindo de uma maneira inteligente com a realidade – muitas vezes até de modo muito descarado. Creio que informação para Peirce está profundamente ligada a essa relação, entre o possível a ser alcançado e o teste propiciado pela experiência. Isso é absolutamente fundamental para ele. A partir disso, ele constitui um grande espectro da informação, que vai desde a forma da informação essencial, concentrada mais na explicitação dos predicados de uma determinada classe de sujeitos, até as formas entre o que predomina e a própria singularidade do sujeito na informação substancial. Desse grande espectro é por onde nós convivemos com a realidade, a representamos para nós e determinamos a nossa conduta face a ela. A informação tem, predominantemente, esse sentido. Essa informação permite, inclusive, que se elabore um cálculo matemático, como feito na Teoria Matemática da Comunicação. Mas ela é muito mais ampla do que simplesmente uma fórmula quantitativa da informação, aos moldes de Shannon, por exemplo. Ela também é isso,

calculável. No entanto, é, sobretudo, o resultado de uma reflexão, da produção de um conceito sobre a realidade e é testada nessa realidade. Isso é o que traz realmente informação. Desde o nível das nossas definições até ao nosso conhecimento intelectual, é uma síntese predominantemente sensível, com as próprias substâncias. Hoje mesmo, quando nós estávamos na sala e você entrou, minha informação foi muito mais de alegria por estarmos juntos, do que de estar definindo algo. Isso é uma informação extremamente importante. É como o caso, relatado constantemente pelo Dr. Rodolfo, de uma mãe que diz ao pediatra: “meu bebê não está bem”. O médico pode fazer todos os questionários, exames físicos, mas se ela continua dizendo que o bebê não está bem, algo vai mal. Essa informação substancial presente nela é insubstituível. Se o médico não descobre nada, a relação dela com o bebê pode não estar boa. Capturar essa informação é extremamente importante para a vida.

Nesse sentido, então a informação não é algo para ser descoberto, mas é relacional, um processo. É construída na relação triádica.

Exatamente! Ela produz um interpretante, que determina a conduta.

Nessa determinação da conduta, considerando o cenário político atual no Brasil, setores sociais como a mídia, independente de inclinação ideológica, costumam tentar direcionar nossa conduta.

Ela tem uma função predominantemente persuasiva. Com frequência, tenta definir a conduta que sua audiência, segundo sua perspectiva, precisa adotar. A mídia não é isenta. Ao contrário. Está embasada em um processo retórico aplicado em sua audiência, para toda uma população.

Esse caso no qual a população se permite convencer não configura uma perspectiva pragmaticista, mas uma perspectiva na qual uma fonte, o emissor da mensagem, procura direcionar a ação do outro, o destino, receptor final da notícia.

Não é uma postura do pragmatismo peirciano. Na abordagem de Peirce, uma representação geral é explicitar as consequências face ao objeto trabalhado. Nesse sentido, é exatamente o inverso da prática comunicativa

unilateral. Seria, para usar um termo mais contemporâneo, uma conscientização à população que ela defina sua conduta diante do objeto, uma vez que essa é a função eminentemente ética do pragmatismo. Seria explicitar para essa população as consequências daquilo a ser proposto, facilitando-lhe a tomada de consciência e, assim, decidir bem o seu curso de ação. Mas, de modo algum, consistiria em dirigi-la de uma maneira unilateral, predeterminada.

Então, em última análise, qual seria o papel da semiótica peirciana no contexto político-social?

Buscar elucidar as relações contidas nos processos, sobretudo porque a população não tem acesso a tal elucidação por outros meios. Explicitar certa expectativa diante de interesses que jamais são apresentados explicitamente. Esse é um problema grave, oriundo da retórica clássica, enraizado nos meios de comunicação de massa. Não é à toa que eles auto ou heterocensuram. Esse processo de censor é exatamente o contrário da proposta semiótica, pragmatista do Peirce: explicitar o quanto possível as relações subjacentes a um processo, tendo em vista uma finalidade da conduta propriamente dita, qual seja, a justiça social, a busca da verdade. São elas, apesar de todos os nossos desvios, a meta almejada. O objeto último é a justiça, a verdade, exigência da beleza ética que não pode ser subestimada no processo semiótico.

Considerando a Semiótica uma área da filosofia, qual o papel do filósofo nesse contexto em que não pode haver uma divisão, uma cisão entre teoria e prática?

Uma exigência ética muito profunda e incondicional. A integralidade da honestidade do filósofo deve ser uma exigência primeira. A partir daí, um estudo, um diálogo com todas as partes, em busca de uma definição, de uma informação que seja a mais completa, a mais digna possível, que facilite a tomada de consciência e o diálogo. Está aí um sentido inclusive de ser antidogmático. Não é determinar uma verdade, mas tentar propiciar condições para que as pessoas decidam quanto aos fins a serem determinados em sua conduta e, evidentemente, a possibilidade de se colaborar para que se exijam os meios para que isso seja alcançado.

Nesse sentido, o filósofo não poderia, ou não deveria, pelo menos, assumir apenas a função de construir perspectivas teóricas. Ao mesmo tempo é importante que ele vá ao mundo...

Que ele determine sua conduta tendo em vista explicitar para a sociedade os componentes necessários para avaliar seu papel no mundo.

Maravilha! Mas, mudando de assunto, gostaria de falar da Trans/Form/Ação, a revista de filosofia vinculada ao Departamento de Filosofia da Unesp. Qual foi o seu papel na história da criação da revista e depois da sua manutenção?

Quando Lígia (minha esposa) e eu entramos na faculdade, em Assis, a revista já existia. Haviam sido lançados os primeiros números. Aí nós ajudamos a publicar os próximos. Penso ser uma revista muito interessante, uma boa revista de filosofia, cujos autores dos artigos são bons. Houve entrevistas interessantes, muito bem feitas. Com a mudança do curso de filosofia para Marília, houve algumas dificuldades. Mas a revista continuou e está muito bem qualificada. Certamente isso é resultado do esforço e comprometimento de várias pessoas ao longo do tempo, considerando a longa história da revista.

Muitas e interessantes foram as suas publicações nesta revista. Recentemente, o senhor publicou um artigo sobre o silêncio...?

Acaba de ser publicado um artigo meu em uma revista cujo tema é o silêncio. Eu entendo que o contrário do silêncio não é o diálogo, mas o ruído. Eu tentei escrever um pouco sobre isso, tanto da perspectiva do Peirce quanto da perspectiva do Winnicott, sobre a capacidade de estar só.

O silêncio pode ser entendido como uma forma de diálogo interior?

Não só interior, mas cósmico, inclusive. Porque o que dificulta o diálogo é o ruído.

Então o silêncio poderia ser altamente informativo?

Pode ser altamente informativo. Isso, de fato, é muito bem tratado por Winnicott: a possibilidade de a gente estar junto com uma pessoa e não precisar ficar falando. Tal silêncio preenche aspectos afetivos, fundamentais para a vivência.

Aqui, neste contexto, o senhor enuncia o afeto. Qual o papel das emoções na perspectiva de Peirce?

Ah, é fundamental. Os três interpretantes para Peirce são o interpretante emocional, que é de primeiridade, de disponibilidade, o interpretante energético, que é de ação e reação, o interpretante lógico, que medeia essas relações. Para Peirce, são três esferas de interpretantes, ou seja, de determinações da conduta. A carência do substrato emocional esvazia o sistema. Inclusive, se degenerar corre o perigo de o discurso ser exatamente aquele discurso autoritário. Em vez de um diálogo, passa ser um processo de manipulação. Esse caráter afetivo, emocional, é fundamental para sustentar um clima de diálogo. Todas as pessoas colaboram sem intervir na autonomia dos outros, isso é fundamental. O processo comunicativo circula entre as pessoas e circula no resto do mundo, no cosmo como um todo.

Sendo assim, não seria possível, tampouco, admitir uma cisão entre razão e emoção, como fazem algumas abordagens. O filósofo ou o cientista, em um sentido geral, não podem ser pensados unicamente como intelectuais, capazes de dominar ou subjugar as emoções.

Sem as emoções você não entra em sintonia com a realidade. O seu discurso é vazio. Consequentemente, é violento, é mesmo ruidoso, no sentido que ele destrói esse silêncio que permite às pessoas efetivamente se relacionarem. A construção e teorias não é exclusivamente intelectual. Se ela não tiver uma sustentação emotiva e efetiva, torna-se um discurso não só vazio, mas provavelmente será um discurso impositivo, perigoso. Ela se torna ruído.

Portanto, a filosofia não pode jamais ser pensada como distanciada do mundo.

Pois é! Como um monólogo. Ela não é um monólogo. Ao pensar, trago comigo a carga do passado. Vamos recordando a história, o que nos leva a repensar, a reinterpretar o que se disse ou fez. O pensamento é muito mais amplo do que a experiência de uma única pessoa, mas de um conjunto delas. É só por aí que a gente tem acesso à realidade. De outro modo, o discurso fica alheio à realidade, ou ele interage com a realidade como força bruta. Para entender a realidade é preciso respeitá-la.

Por isso jamais podemos entender a construção teórica ou perspectivas filosóficas como produto de um indivíduo isolado.

Exatamente! Não digo que isso de fato aconteça, mas, de alguma forma, há uma certa teoria binária da linguagem predominante na tradição francesa, através de seus grandes pensadores, que prejudica um pouco a compreensão exata desse processo dialogante. É muito frequente, por exemplo, a confusão generalizada entre pensamento e poder. Houve um momento na tradição francesa que isso apareceu muito. Eu acho que só se confunde pensamento com poder quando ele é degenerado. O pensamento mantido com seu substrato emocional, poético, é dialogante, não impositivo. Ele suscita, convida a pensar junto. Eu acho que esta perspectiva do pensamento dialogante de Peirce foi muito importante. Ele não está pensando em termos de uma dialética hegeliana ou mesmo da tradição do pensamento marxista, em que, de algum modo, há negação e superação. Existe um convívio de potencialidades, que envolve um interpretante emocional, confronto de tradições, inclusive, que permite a compreensão da realidade.

Assim, a compreensão da realidade, a própria verdade, eu diria, depende desse diálogo, que é, de alguma forma, localizado. Se assim é, Peirce não poderia ser caracterizado um relativista?

A primeiridade não é esgotada, mas é um sustentáculo de natureza poética. As nossas convicções não necessitam ser dogmas. São suficientes para determinar uma certa conduta. Mas, genuinamente, elas podem evoluir através do diálogo. Tampouco é um vale-tudo. Não é nem um discurso de teses que se impõem tampouco um relativismo. Penso, inclusive, que

certos autores precisariam ser retomados, porque escreveram isso. Numa leitura, por exemplo, do Segundo Wittgenstein, quando ele fala dos jogos de linguagem, o sentido dado em inglês ao verbo “meaning”, quer dizer o sentido realmente daquilo que confere significado à conduta.

Neste contexto, como resolver conflitos entre culturas, valores, princípios, visões de mundo?

Através do diálogo, que nos permite evoluir. Essa diferenciação não implica numa destruição da procura da verdade última, definitiva. Ao contrário, essa tonalidade propicia muito mais uma sintonia do que uma forma de atrito. É muito bem-vindo que o outro tenha um pensamento diferente do meu. Porque assim se cresce, em termos de significado, de *meaning*.

É na diferença que se dá o crescimento.

Exatamente, a uniformidade gera o ruim, porque ela é unilateral.

O senhor estava falando do Wittgenstein. Ele pode ter bebido da fonte do Peirce?

Se ele bebeu da fonte de Peirce eu não sei. Mas há, no segundo Wittgenstein, aspectos que estão em sintonia com o pensamento de Peirce. Não é necessário que, de fato, ele o tenha lido. É questão de sintonia mesmo, de afinidade, de primeiridade. Por vezes, de modo incrível, o pensamento de um autor está de tal maneira sintonizado com o de outro, ainda que eles jamais tenham se encontrado efetivamente. Não precisa o fato, porque a primeiridade é originária. Nós estamos em pensamento. O pensamento não é propriedade privada. Ele ocorre por fotossíntese. Não fosse ela, estaríamos perdidos. Permite esse exercício de sintonia com os vegetais, com o Cosmos.

Essa seria a ideia de Cosmos que está por trás do pensamento de Peirce?

De Cosmos, exatamente. De um sistema. Você é um todo em expansão. Um todo que a primeiridade está permitindo que se renove constantemente em múltiplas formas. Esse é o pensamento do Peirce.

Querido professor Lauro, foi realmente um prazer e orgulho participar deste momento ímpar, realizando esta entrevista. Falta-nos palavras para agradecer ao senhor, pelo que já fez pela filosofia e pelo curso de filosofia da Unesp. Eu, particularmente, fui agraciado com suas aulas, como aluno. Foi um valoroso préstimo em minha formação. Muito obrigado!

Imagina! Só de falar com vocês para mim está sendo uma grande alegria, tendo a oportunidade de conversar. Isso faz a vida valer a pena. Só tenho a agradecer a vocês também.

PARTE I
COGNIÇÃO, EMOÇÕES E AÇÃO AO LONGO DA
HISTÓRIA DA FILOSOFIA